

Governo espera acordo com o FMI neste mês

O acerto com o Fundo ajuda a liberar recursos do Bird e do governo japonês

JOÃO BORGES

BRASÍLIA — O governo está confiante na finalização de um acordo com o FMI mas próximas semanas. O secretário especial de Assuntos Econômicos do Ministério da Fazenda, Michal Gartenkraut, que se encontra em Washington, tem relatado a autoridades brasileiras que as negociações caminham "muito bem" e que são boas as perspectivas de um acordo. A informação foi prestada ontem pelo diretor da Área Externa do Banco Central, Arnim Lore.

O acordo com o FMI é uma peça fundamental para o fechamento do balanço de pagamentos do País este ano. Sem ele, aumentam as necessidades de divisas para que o Brasil honre seus compromissos externos, pois, além de obstruir a liberação de dinheiro por parte do próprio Fundo, impediria o desembolso de recursos do Banco Mundial, do governo japonês e de uma parcela de US\$ 600 milhões dos bancos credores.

Mesmo que haja o acordo com o FMI, o Brasil não deverá pagar em dia a parcela de US\$ 1,65 bilhão de juros que vence no dia 18. Ontem, o secretário de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda, Sérgio Amaral, que, junto com Lore, retornou de Nova York no fim de semana, admitiu que haverá atrasos nos pagamentos. Na reunião com o comitê de bancos, na sexta-feira, os credores concordaram em prorrogar até janeiro o prazo para que o Brasil solicite a liberação da parcela de US\$ 600 milhões, que venceria no dia 30.



Ricardo Chaves/AE — 22/5/89

Amaral, da Fazenda: o nível das reservas não será sacrificado

Trata-se de uma formalidade. Na realidade, a prorrogação deste prazo visa dar tempo para que haja um desfecho nas negociações com o FMI. Nos próximos dias, chegará ao Brasil uma missão de técnicos dos bancos credores para avaliar os dados sobre a economia brasileira e no dia 21 Amaral e Lore estarão novamente em Nova York para retomar as negociações.

Na reunião de sexta-feira, Sérgio Amaral e Armin Lore apresentaram aos credores diversas fórmulas para fechar o balanço de pagamentos, considerando desde a hipótese de o País não conseguir o acordo com o FMI até uma operação de redução da

dívida. Amaral e Lore não quiseram revelar as necessidades de dinheiro do País para fechar o balanço de pagamentos. No entanto, reafirmaram que está mantido a decisão do governo de não sacrificar o nível das reservas para honrar os juros.

"A reação dos bancos foi positiva; a nossa iniciativa de procurá-los foi construtiva, porque mostra a disposição de encontrar saídas", afirmou Amaral. Até a reunião do dia 21, os bancos deverão ter concluída a análise de dois documentos encaixados ao comitê: um sobre o desempenho geral da economia e outro sobre a necessidade de recursos para fechar o balanço de pagamentos.